

POÉTICAS DE UM TEMPO PANDÊMICO:

TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE ARTE

Organizador: Fernando Freitas dos Santos

POÉTICAS DE UM TEMPO PANDÊMICO:

TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE ARTE

Organizador: Fernando Freitas dos Santos

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Edição de arte da capa

Natália de Assis Dias

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Poéticas de um tempo pandêmico: trajetórias, possibilidades e experiências
no ensino de arte

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Suely Pereira do Nascimento Batalha
Organizador: Fernando Freitas dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R543 Poéticas de um tempo pandêmico: trajetórias,
possibilidades e experiências no ensino de arte /
Organizador Fernando Freitas dos Santos. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-607-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.079212010>

1. Ensino de arte. 2. Experiência em arte. 3. Contexto
escolar. I. Santos, Fernando Freitas dos (Organizador). II.
Título.

CDD 707

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne relatos de experiências dos professores de Arte da Escola em Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista, consiste em um trabalho educativo fecundo e inventivo, trilhado através da arte, no contexto da pandemia mundial, provocada pela COVID-19, o qual se fez necessário medidas restritivas como o isolamento social, o ensino remoto nas escolas.

A Arte na Escola faz parte da área de conhecimento em Ambientes de Aprendizagem Integradores. Contempla as linguagens das Artes Visuais, Música, Teatro e Dança tratadas nas suas especificidades, promovem também profícuos diálogos poéticos interdisciplinares.

Os textos dos professores pesquisadores propositores revelam uma prática pedagógica reflexiva sobre os problemas percebidos no contexto social vivido e a busca por alternativas para driblar a falta do contato presencial com o educando, tão importante no ensino de arte. Neste sentido, os educadores trilharam seus próprios caminhos e reelaboraram suas ações no ensino/aprendizagem da Arte, produzindo material impresso e audiovisual, prezando principalmente pela qualidade dos conhecimentos artísticos e culturais.

Os relatos de experiências em Arte foram muito significativos e encantaram pela sapiência das propostas com base nos princípios da pedagogia questionadora e da mediação cultural. Ao exercerem o papel de professor mediador, efetivaram questões provocadoras e jogos de percepção que possibilitaram a troca nas impressões sensoriais ampliando as interpretações. Segundo Martins e Picosque (2012, p.13) a mediação promove momentos importantes de fruição da arte, através da “socialização de perguntas que as próprias obras nos fazem”.

O papel do professor pesquisador foi fundamental na prática educativa, pois como afirma Freire (1996, p.14) “não há pesquisa sem ensino e ensino sem pesquisa”. As pesquisas dos educadores oportunizaram relações dialógicas entre as poéticas artísticas e fomentaram no educando a busca pelo saber artístico e a vivência das expressões plásticas, corporais e musicais.

A atitude investigativa e a fruição da estética do cotidiano, iniciada de forma intimista, mais próxima das crianças, foram sendo expandidas para o saber arte e cultura regional e universal. O educador propiciou dar visibilidade às identidades culturais do educando, valorizando a interculturalidade de MS, permeadas pelas relações fronteiriças. A qualidade dos encontros sensíveis artísticos e culturais germinou sentimentos e pensamentos, possibilitou o saber ser, estar e conhecer o mundo em tempos de isolamento social!

Nos territórios educativos observamos os campos conceituais da arte: a fruição

artística, a leitura contextualizada das visualidades, dos corpos em movimento e das sonoridades, culminando nos processos de Criação/Produção imaginativa e autoral das crianças. Dewey (2010, p.381) afirma que a qualidade do fazer no campo da estética, é possível acessando a sensibilidade e a paixão. Desta forma, ao produzir ou apreciar arte, a criança lapida sua percepção e imaginação, como observamos nas experiências estéticas relatadas pelos educadores neste livro.

Natália Assis Dias em: “Arte urbana e o ensino remoto: percepções de sensibilidade, reflexão, visualidades e criação” problematiza a função social da arte, como meio de expressão, reflexão e ação sobre a realidade; nas aulas de Arte - artes visuais propôs a fruição da arte urbana, através da viagem estética sensível que se inicia na arte dos muros da escola, ultrapassa a regionalidade e ganha o mundo. Em destaque a obra “Memorial da Fé 4” do artista Eduardo Kobra, cuja arte expressa o respeito à diversidade de crenças e nações, trás a fé, como ponto de religação humana com o Divino. A proposta educativa encanta pela mediação, com questões que ensinam a criança a pensar e de forma sensível e poética expressar-se em texturas, cores e formas artísticas.

Evellyn Carvalho de Almeida, em “De pupa à borboleta: libertação em tempos de isolamento social através da linguagem teatral” imbuída do espírito sensível de Manuel de Barros propôs para as aulas de Arte - teatro o belíssimo encontro das poéticas do teatro, do desenho e da literatura. Evellyn possibilitou um emocionante trabalho de mediação, tocando o sensível com o tema do medo, no cenário da pandemia, através da fruição do livro “O casaco de Pupa” de Elena Ferrándiz. As proposições lúdico-expressivas vividas criativamente através dos elementos teatrais (corporais, personagens, texto, cenário e outras) podem ser percebidas nos diários de bordo.

Douglas Marschner em “O ensino de música em tempos de pandemia”, tocado pelas dificuldades dos encontros presenciais nas aulas de Arte – música elaborou uma proposta sensível e criativa. Propôs para as crianças partirem dos sons do corpo, através da expressão/percussão corporal, motivou a percepção do ambiente sonoro e dos elementos da música (altura, duração, intensidade e timbre). Valorizou e ampliou o universo artístico musical dos educandos, fortalecendo as identidades, através da fruição da música no contexto da cultura regional de MS.

Jimmy Helton da Silva Cardoso, em “A prática de ensino da arte regional no contexto pandêmico da COVID-19” revelou o conhecimento pesquisado, internalizado e apaixonado do educador pela história da arte regional. Nas aulas de Arte - artes visuais motivou as crianças no exercício de ler e reler os monumentos artísticos culturais de Campo Grande, impulsionando a imaginação infantil nos recortes, dobras, cores e formas imaginativas. Resultando na apropriação de novos repertórios gráficos e plásticos, importantes na alfabetização visual das crianças.

Com a alma renovada pela riqueza destas experiências estéticas em arte, fica a certeza de que, neste mundo contraditório, fluído e intercambiante, devemos ser mais

do que seres vivos, precisamos nos tornar sujeitos em ação, reflexivos e críticos da realidade.

Aline Sesti Cerutti
Profa. Adjunta do Curso de Artes Visuais – UFMS






REFERÊNCIAS

DEWEY, J. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. SP: Paz e Terra, 1996.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andorlhos na cultura*. 2 Edição. SP: Intermeios, 2012.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A BUSCA PELA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL | |
| Fernando Freitas dos Santos | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120101 | |
| CAPÍTULO 2 | 11 |
| ARTE URBANA E O ENSINO REMOTO: PERCEPÇÕES DE SENSIBILIDADE, REFLEXÃO, VISUALIDADES E CRIAÇÃO | |
| Natália de Assis Dias | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120102 | |
| CAPÍTULO 3 | 25 |
| DE PUPA À BORBOLETA: LIBERTAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DA LINGUAGEM TEATRAL | |
| Evellyn Carvalho de Almeida | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120103 | |
| CAPÍTULO 4 | 36 |
| O ENSINO DE MÚSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA | |
| Douglas Marschner | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120104 | |
| CAPÍTULO 5 | 46 |
| A PRÁTICA DE ENSINO DA ARTE REGIONAL NO CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19 | |
| Jimmy Helton da Silva Cardoso | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120105 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 56 |
| SOBRE OS AUTORES | 57 |

CAPÍTULO 1

A BUSCA PELA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL

Data de aceite: 24/09/2021

Fernando Freitas dos Santos

Coordenador pedagógico da ETI Profa. Ana Lúcia de Oliveira Batista da rede municipal de ensino de Campo Grande, MS. Mestre em Teatro, com pesquisa em metodologia de ensino de arte/teatro, pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Especialista em Arte e Educação pelo Instituto São Francisco de Assis e Gestão do Trabalho Pedagógico pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados em período de intercâmbio na Universidad de Guanajuato, México

RESUMO: Com o início da pandemia no Brasil, no ano de 2020, o espaço escolar precisou ser reinventado. As salas de aulas foram substituídas por aparelhos eletrônicos devida à necessidade de isolamento social. O ensino remoto tornou-se a modalidade viável de mediação educacional e, por isso, muitos professores precisaram reelaborar suas práticas pedagógicas. Como pensar o ensino de Arte em modalidade não presencial para estudantes do ensino fundamental I? Quais estratégias metodológicas são profícuas em busca da experiência no trabalho artístico com crianças em tempos pandêmicos? Essas questões serão problematizadas no decorrer deste estudo e, para tal, serão apresentados os princípios que norteiam a concepção da Escola em Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista,

situada em uma região periférica, da Rede Municipal de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O trabalho da coordenação pedagógica, com foco nos objetivos metodológicos, será elucidado à luz da noção de experiência com base nos estudos de John Dewey (2010) e de Jorge Larrosa Bondía (2002). Os processos de ensino e aprendizagem em Arte, em suas diferentes linguagens, também serão brevemente assinalados a partir de teóricos como Vigotski (2009), Carmela Soares (2010) e Flávio Desgranges (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Arte e educação, experiência em arte, contexto escolar.

PONTO DE PARTIDA

O ano é dois mil e vinte. O lugar é uma escola situada em uma região periférica na capital do Mato Grosso do Sul. A situação é a necessidade de suspensão das aulas por tempo indeterminado. A causa é uma pandemia decorrente de uma pneumonia misteriosa cujo registro primário ocorreu na cidade de Wuhan, em dezembro de 2019, na China.

Angústia latente, muitas dúvidas e poucas respostas. A sensação de pertencer a um episódio de ficção, quiçá pesadelo, é sem sombras de dúvidas uma forte marca do presente cenário. No campo da educação passamos por diferentes períodos históricos que foram determinantes nas mais diversas práticas de ensino. Da abordagem pedagógica tradicional

à sociocultural, um longo caminho foi percorrido. O grande número de professores, em suas diferentes formações na licenciatura, teve, em maior ou menor grau, contato com as inúmeras teorias acerca de metodologias de ensino. No entanto, penso que para todos ou talvez para a maioria, não lhes fora apresentada a abordagem pedagógica em período pandêmico. Ensinar de maneira remota em uma rede de ensino público que não conta com a estrutura necessária para atender os estudantes tornou-se uma realidade para milhares de educadores no Brasil. Além disso, ensinar enquanto o aluno chora a morte de seus pais, deixou de ser ficção e se tornou realidade.

Distante de uma abordagem pedagógica tecnicista, cuja relação professor-aluno se circunscreve de maneira superficial e destoante da realidade, problematizar a vida e a situação assoladora em que o mundo se deparou por conta de um vírus que desafia a inteligência humana, tornou-se eixo norteador em muitas práticas pedagógicas, inclusive a nossa. Refiro-me ao árduo trabalho de professores e da equipe técnico-pedagógica da Escola de Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista localizada na cidade de Campo Grande, MS. De forma mais específica, as páginas a seguir revelarão os objetivos e estratégias metodológicas de ensino em Arte na mencionada unidade escolar. Eis o nosso ponto de partida!

ETI PROFESSORA ANA LÚCIA DE OLIVEIRA BATISTA, PRESENTE!'

Em maio de 2008, por meio do Decreto n. 10.490, publicado no Diário Oficial do município de Campo Grande – MS, institui-se a criação da Escola Municipal de Tempo Integral Professora Ana Lúcia Oliveira Batista. Em fevereiro de 2009, após muita preparação e estudos por parte da equipe gestora, corpo docente e técnicos administrativos, os portões da escola foram abertos para receber 447 alunos distribuídos em 17 turmas da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental.



Figura 1 - Escola Municipal de Tempo Integral Profa. Ana Lúcia O. Batista.

Fonte: arquivo do acervo da unidade de ensino.

1 Os dados referentes à proposta metodológica e informações funcionais foram consultados no Projeto Político Pedagógico da referida unidade de ensino.

Objetivando à educação em tempo integral, a referida unidade de ensino, desde a sua instituição, compromete-se pela qualidade educacional sob a ótica de um ensino público que cumpra sua função social de possibilitar aos estudantes acesso ao conhecimento. Atrelada a essa premissa, uma de suas bases de ensino consiste em problematizar os diversos saberes com o contexto histórico-social dos educandos a fim de possibilitar sua apropriação do mundo assim como sua possível transformação.

A proposta pedagógica da unidade de ensino fundamenta-se em cinco princípios metodológicos para nortear a prática docente. São eles:

1. *Educar pela pesquisa*: por meio deste princípio os alunos são estimulados a se apropriarem do conhecimento pelo viés da investigação científica. Os educandos são incitados a levantar hipóteses, criar teorias, justificar ideias, formular soluções e aplicá-las em diversas situações-problemas.
2. *Aprendizagem Interativa*: ao entender a aquisição de conhecimento como processo dinâmico e ativo, considera-se a interação social como um dos pilares para o processo de aprendizagem. Logo, pela sua característica social, o aluno precisa do outro para o seu desenvolvimento. A interação, portanto, torna-se indicador substancial em que o educador, por meio de diferentes processos de mediação, realiza a intermediação entre o estudante, seus pares e os mais variados objetos de conhecimento.
3. *Desenvolvimento da Fluência Tecnológica*: as tecnologias da informação e comunicação constituem-se como base operacional para o ensino da referida escola. Para tal, os educandos e educadores são estimulados a utilizarem os recursos tecnológicos disponíveis na instituição a fim de desenvolverem os conhecimentos necessários para o desenvolvimento operacional da fluência tecnológica.
4. *Inserção crítica à realidade*: mais que transmitir conhecimento, a proposta pedagógica da escola consiste em aliar os mais diversos objetos de aprendizagem e conteúdo ao mundo da vida dos estudantes. Problematizar o contexto social e a história (passado, presente e futuro) torna-se requisito indispensável para construção identitária e apropriação social dos alunos acerca da realidade que pertencem.
5. *Educação Ambiental*: este princípio é entendido como o desenvolvimento contínuo que os alunos, coadunados à comunidade, tomam consciência do seu ambiente a fim de compreender valores e competências para atuarem criticamente em busca de ações e soluções de conflitos concernentes à problemática ambiental. Destaca-se, ainda, que este princípio precisa ser analisado em sua totalidade e não o reduzindo apenas a uma visão ecológica. Assim, entende-se como sistema composto por fatores essenciais relacionados aos aspectos sociais.

Com intuito de atender aos objetivos propostos, a estrutura curricular da unidade educacional, organiza-se em suas mais variadas áreas de conhecimento em Ambientes

de Aprendizagem (AA1 – Língua Portuguesa; AA2 – Ciências, AA3 – Matemática; AA4 – Geografia; AA5 – História). Esses ambientes se mesclam na interdisciplinaridade dos conteúdos referentes às questões problematizadas. Além disso, o currículo apresenta os Ambientes de Aprendizagem Integradores (AAI1 – Arte e AAI2 – Educação Física). Os ambientes integradores, formados pela linguagem de Arte e Educação Física, têm o intuito de proporcionar novas relações de aprendizagem no espaço educativo, tais como: experiências estéticas, fruição artística, noções corporais e de movimento.

Como componente diversificado do currículo ainda são oferecidas as Atividades Curriculares Complementares, assim composto: ACC1 – Projetos, ACC 2 – Língua Estrangeira, ACC 3 – Atividades Esportivas, ACC 4 – Atividades Artísticas e Culturais e Atividades de Tempo Livre – TL. A referida organização curricular, aliada à mediação crítica docente, contribui para a formação integral do aluno não apenas em sua intelectualidade, mas também nos aspectos social e cultural.

Referente ao ensino de Arte, tanto no Ambiente de Aprendizagem Integrador (AAI1) quanto nas Atividades Curriculares Complementares (ACC4), busca-se um processo educativo de modo reflexivo e criador. A escola dispõe de espaços artístico-pedagógico para todas as especificidades artísticas a fim de oferecer maior qualidade no processo de ensino e aprendizagem. As aulas de teatro ocorrem em um palco e em uma sala intitulada como Caixa Preta. São oferecidas atividades de expressão corporal, jogos teatrais e diferentes modalidades de dança.



Figura 2 – Aulas de teatro e dança nos espaços artístico-educacionais.

Fonte: arquivo do acervo da unidade de ensino.

É importante enfatizar que, por vezes em algumas abordagens pedagógicas, o ensino de teatro se restringe meramente a montagens de peças a serem apresentadas em datas

comemorativas e/ou finais de períodos escolares. Em muitos casos o trabalho é arbitrário e aniquilador da criatividade, pois exige que o aluno decore gestos e falas. Essa, definitivamente, não é a forma de trabalho com a linguagem teatral em nossa escola. Buscamos estimular o estudante a se apropriar dos elementos da linguagem teatral movido pela curiosidade e pelo prazer. Em conformidade com as palavras de Carmela Soares (2010), acerca do ensino de teatro na escola, nossa prática artístico-pedagógica consiste em fazer com que o educando perceba que “[...] o presente se impõe como força motriz das ações, e o olhar na sua dinâmica lúdica captura as formas que se configuram e se desalinham no instante efêmero do jogo teatral”. A autora acrescenta, ainda, que é fundamental exercitar a capacidade de jogo do estudante impulsionando-o “[...] a se colocar no presente, disponível, imerso na situação imediata e ao mesmo tempo aberto e flexível a qualquer modificação sugerida no decorrer do jogo” (SOARES, 2010, p. 70).

Por isso, as aulas de teatro objetivam a possibilitar momentos intensos e significativos a todos os envolvidos. Percebemos que esses momentos de graça foram alcançados quando o aluno joga com a linguagem teatral movido pelo entusiasmo e pela alegria. Quando as regras do jogo são entendidas, respeitadas e, inclusive, recriadas. Quando é voluntário o lançar-se na área do jogo e nela é trazida outra dimensão de tempo-espço. Quando a relação professor-aluno é instaurada pelo diálogo. Quando a imaginação preenche os vazios, cria diversas imagens e estabelece inúmeros sentidos.

Nossa escola também dispõe de uma sala de Artes Visuais com toda a estrutura física necessária para os alunos experienciarem diferentes processos de criação. Nessa sala, por meio da mediação crítica dos arte-educadores, é possível notar a percepção de mundo de vários estudantes por meio de um viés artístico.



Figura 3 – Produção artística na sala de Artes Visuais.

Fonte: arquivo do acervo da unidade de ensino.

Nessa linha de pensamento, Vigotski (2009) destaca que o ato de desenhar possibilita que a compreensão da realidade da criança seja expressa através de uma atividade criadora. Segundo o autor, há dois tipos de atividades comuns ao homem: a “reprodutora ou reconstituidora” e a “combinatória ou criadora”. A primeira refere-se a um modo de reprodução e repetição de algo já existente. Essa atividade se estabelece através de modelos que por si só inviabilizam a abertura para a criação. A atividade reprodutora, segundo ele, “[...] nada cria de novo e a sua base é a repetição mais ou menos precisa daquilo que já existe” (VIGOTSKI, 2009, p. 12).

Já a atividade “combinatória ou criadora” diz respeito à ação humana que combina e reelabora impressões vivenciadas e signos assimilados para representar algo novo. O sentido de novo e de criação, para Vigotski (2009), implica numa atividade em que se cria uma nova configuração a partir da combinação e reorganização de dados armazenados na memória. A base da criação refere-se à capacidade do sujeito em reordenar e combinar elementos já conhecidos.

É com base nos pressupostos de uma atividade criadora que o trabalho com a linguagem visual se fundamenta em nossa unidade de ensino. A criação não é uma simples recordação vivenciada, mas uma combinação utilizada pelo viés artístico e criativo de impressões experienciadas pelos estudantes.

A música é também uma linguagem artística oferecida aos alunos da nossa escola. Contamos com duas salas com inúmeros instrumentos musicais para o desenvolvimento das aulas.



Figura 4 – Experimentação sonora nos espaços pedagógico-musicais.

Fonte: arquivo do acervo da unidade de ensino.

É importante frisar que o nosso trabalho com a linguagem musical não se refere a mera leitura de partituras e reprodução de sons já conhecidos. Tal abordagem pedagógica incidiria em uma prática tecnicista, pautada somente no fazer, sem a devida contextualização

e reflexão crítica. Diferentemente desse enfoque metodológico, nossa abordagem de ensino musical visa a estimular a capacidade de percepção dos alunos frente ao objeto artístico.

Portanto, com base em todo material até aqui apresentado, a Escola de Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista esteve em funcionamento, até o início de 2020, atendendo aos objetivos e pressupostos pedagógicos de ensino presencial. No entanto, por motivo de força maior (pandemia), o trabalho docente precisou ser reformulado e reinventado devido a necessidade de aulas remotas. O acesso ao ensino de arte de modo mobilizador, criativo e alicerçado em um crivo crítico continuou como alicerce de nossa proposta metodológica. Como oferecê-lo em tempos pandêmicos em um processo de mediação não presencial? Eis a questão!

BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENSINO DE ARTE EM PERÍODO REMOTO

Educadores de todo o Brasil, no início de 2020, foram surpreendidos por um novo cenário educacional: o ensino remoto. Minha preocupação na função de coordenador pedagógico de professores de Arte, em suas diversas linguagens e especificidades, recaiu no seguinte problema: Como propiciar um ensino de qualidade para alunos de uma comunidade periférica cujos suportes tecnológicos não se encontram acessíveis a todos? Quais estratégias metodológicas utilizar para oferecer um processo de ensino e aprendizagem em Arte de forma criadora e sensível em tempos de isolamento?

O canal de comunicação escolhido, pensando na acessibilidade de boa parte dos estudantes, foi o aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*. Por meio desse, os professores realizavam as postagens de aulas via orientações por escrito, vídeo e áudio. Além da mediação pelo ambiente virtual, os alunos recebiam apostilas com atividades elaboradas pelos docentes da nossa unidade de ensino. O contato físico e presencial, tão caro ao processo de ensino e aprendizagem aos estudantes do fundamental I, foi substituído pela presença virtual da tela de celulares e computadores.

Como coordenador observava-me em uma outra lógica de lugar e tempo.

Dentro de casa já não vivenciava a agitação diária da escola. Não via os mesmos corpos expressivos e dramáticos nas aulas de teatro. Dentro de casa o silêncio ensurdecador me impedia de ouvir as vozes dos alunos entoando diferentes melodias, assim como os sons dos instrumentos nas aulas de música. Dentro de casa já não mais sentia o cheiro da tinta que dava cor ao papel branco. Porém, apesar de um cenário um tanto quanto inesperado, estava ciente de que estar dentro de casa representava a esperança de um dia voltar a sentir, ouvir e ver tudo o que antes era corriqueiro e, por vezes, passava despercebido. Pelo viés óptico do isolamento, acompanhava pelo computador o esforço dos professores no processo de gravação de videoaulas. Observava a interação e as dúvidas nas salas virtuais (*grupos de whatsApp*). Escutava com atenção os áudios dos educadores, alunos e familiares. Apreciava

as fotos dos alunos e assistia aos vídeos de realização das atividades com muito entusiasmo e alegria.

Dentro de casa, buscava fazer com que os professores e os alunos encarassem o processo de ensino em Arte em tempos pandêmicos como possibilidade de experiência. O sentido da palavra experiência que me refiro é explicada por Bondía (2002) como algo que afeta os sujeitos deixando marcas significativas: “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (2002, p. 21).

Bondía (2002) destaca que o sujeito da experiência é aquele desarmado de convicções e acessível às vicissitudes do aqui-agora. Esse sujeito é determinado pelo seu caráter acolhedor, disponível e passivo. A passividade, neste caso, não significa apatia e indiferença, pelo contrário, remete a um estado de escuta e atenção. O sujeito prioriza o momento presente e se expõe. Esta exposição revela a fragilidade do indivíduo e o desafia para se permitir a novas oportunidades do aqui-agora. Expor-se implica desnudar-se frente ao inesperado. Desnudar-se em tempos de ensino pandêmico implica olhar para o momento presente como possibilidade de aprendizado: aprender a lidar com um novo processo de mediação pedagógica (aos professores) e aprender a conviver com uma nova espacialidade e estratégia metodológica de aula (aos estudantes).

Para a modalidade de aulas em período remoto, em busca de possibilitar experiência em Arte, os professores elaboraram atividades alicerçadas na criticidade, apreciação e criação artística. A objetividade também foi um dos pilares adotados a fim de evitar inúmeras caixas de textos e informações em demasia. Nesse sentido, Jorge Larrosa Bondía (2002) enfatiza que informação e experiência não devem ser compreendidas como palavras sinônimas. A obsessão dos indivíduos em buscar profusas informações faz com que nada lhe toque e afete. Há apenas uma reação inconsciente aos estímulos dos acontecimentos que impede uma significativa conexão com os fatos. A memória é bombardeada de eventos que, de forma repentina, são alterados por outros momentos igualmente convidativos sem que seja possível deixar qualquer tipo de experiência. Esse sujeito, marcado de estímulos, faz com que muitas coisas lhe atinjam, porém nada lhe acontece.

Em consonância ao pensamento acima apresentado de Bondía, o filósofo John Dewey (2010) destaca que uma experiência estética requer momento de sujeição, de incorporar algo diferente do que já era sabido anteriormente. Essa sujeição significa desarmar-se de convicções para estar acessível às contingências do momento presente. Segundo o autor, a cobiça por informações configura um modo de vida acelerado que impede o indivíduo de ter uma experiência singular. Dewey assinala que “a ânsia de ação, deixa muitas pessoas, sobretudo no meio humano apressado e impaciente em que vivemos, com experiências de uma pobreza quase inacreditável, todas superficiais” (DEWEY, 2010, p. 123).

Em busca de não perder tempo, sujeitos presos ao passado e/ou ansiosos com o futuro, visam a desempenhar inúmeras atividades no menor prazo possível. É uma corrida

contra o tempo. Mas, ao contrário de um maratonista, não há um ponto de partida e tampouco de chegada. São momentos plasmados no presente em que não há antecipação e nem prospecção. A progressão do tempo ocorre a partir de uma linha afadigada e carente de recordação. Há reações inconscientes e o tempo se esvai, desvanece. É o tempo em que o sujeito está, mas no qual não se permite ser.

Podemos notar, com base nos apontamentos de Bondía (2002) e de Dewey (2010), que a hiperdosagem de informação pode inviabilizar uma experiência, pois não abre espaço para a reflexão e a produção de sentidos. Por esse motivo, firmado em um cenário pandêmico, cuja interação entre professor-aluno ocorria somente pelo plano virtual, havia a preocupação de elaborar um material que apresentasse atividades que atuassem como fertilizantes para o processo de criação dos estudantes. Avesa a uma pedagogia que prioriza somente a quantidade de informações sem a devida problematização, a elaboração das atividades incidu em um material que objetivou a criticidade e a apropriação dos elementos artísticos elencados pelos professores.

Nesse sentido, os professores foram provocados a também mergulharem em um processo de criação para a elaboração das atividades que seriam disponibilizadas aos alunos. À luz comparativa da teoria de Dewey (2010), acerca da importância da percepção do artista estar ativada no desenvolvimento da ação criativa, considerava de extrema relevância que os professores se afetassem e se relacionassem organicamente com suas respectivas proposições artísticas. A título de exemplo, segundo Dewey (2010), no ato de pintar um quadro o pintor utiliza dos movimentos das mãos: sua destreza manual a cada pincelada opera diretamente na ação. Todavia, para uma experiência estética é imprescindível que os órgãos de seu corpo estejam inteiramente conectados naquele ato de produção. Ao criar, o criador precisa se deixar afetar por sua criatura. A relação entre o “fazer” e o “estar sujeito a algo” auxilia na compreensão da arte como experiência. O ato de produzir pode estar estreitamente associado a uma percepção totalizante em que estimula nossas faculdades de sentir e atua como injeção de vitalidade.

De tal modo, em uma conjuntura de medo devido a inúmeros casos de mortes decorrentes da pandemia, consideramos relevante buscar a experiência já no ato da produção, ou seja, no próprio processo de elaboração das atividades. Assim como mencionado, na esteira do pensamento de John Dewey (2010), considerávamos importante que o criador-professor deixasse se afetar por sua criação artístico-pedagógica desde o início do processo de execução. Isso implica dizer que objetivar uma produção autoral do aluno exigiu que a elaboração da apostila também fosse criativa e não meramente uma cópia de atividades artísticas desconexas e sem qualquer tipo de ligação com o mundo da vida dos estudantes.

Os encaminhamentos que buscaram provocar experiência em Arte serão apresentados de forma analítica nos próximos capítulos pelos docentes propositores das atividades dentro da linguagem das Artes Visuais, Música e Teatro. Por fim, interessa-me destacar que apesar do triste cenário em tempos de isolamento, como coordenador

pedagógico, busquei estimular cada professor a olhar o ensino remoto com mais leveza e, como diria Manoel de Barros, capaz de “carregar água na peneira” (BARROS, 2010, p.469). Também visei despertá-los a enveredarem-se por caminhos de criação, a renderem-se a uma espacialidade não linear e entregarem-se a uma temporalidade que extrapola uma lógica meramente racional a fim de atuarem como força motora para adentrar e mergulhar em uma poética capaz de afetar os alunos em tempo pandêmico. Adjacente a provocações que pulsam subjetividades e incitam fissuras da linearidade do pensamento, a busca pela experiência apresentou-se como via profícua para mediação do ensino remoto em Arte.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência ou sobre o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan.-abr., 2002.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. 3 ed. São Paulo: Hucitec. 2011.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. In: BOYDSTON, Jo Ann (Org.) Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero**. São Paulo: Hucitec, 2010.


VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

POÉTICAS DE UM TEMPO PANDÊMICO:


TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE ARTE

Organizador: Fernando Freitas dos Santos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

POÉTICAS DE UM TEMPO PANDÊMICO:

TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE ARTE

Organizador: Fernando Freitas dos Santos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2021